

Notas sobre a ocupação proto-histórica na *Villa Romana de Freiria Norte*

Guilherme de Jesus Pereira Cardoso
José D'Encarnação

Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp. 741-757

INTRODUÇÃO

Logo no início da prospecção arqueológica que desenvolvemos em Freiria (S. Domingos de Rana, Cascais), a partir de 1980, detectámos a presença de vestígios de materiais cerâmicos atribuíveis à Idade do Ferro, à superfície dos terrenos lavrados.

Os dois primeiros anos de escavação mostraram-nos mais materiais da mesma época, se bem que se encontrassem revolvidos pelos trabalhos de extracção de pedra realizados nos lados poente e nascente da jazida, nos finais do século XIX - inícios do XX. Nos anos seguintes e durante as escavações desenvolvidas noutras áreas, verificámos que a ocupação romana havia destruído todo o tipo de vestígios de estruturas de épocas anteriores.

Já depois de termos abandonado a ideia de vir a encontrar qualquer estrato “selado” da Idade do Ferro é que se detectou, em 1994, uma pequena lixeira encaixada entre um afloramento calcário e o exterior da parede da ábside oriental das Termas Sul (quadrado MZ'). Ali tinha ficado uma nesga de terreno onde abundavam fragmentos de cerâmica dos finais da II Idade do Ferro. Fora preservada pelos *structores*, aquando da escavação para assentarem os alicerces das termas do século IV d.C.

No mesmo ano, a norte do lagar de azeite, deparámo-nos com as primeiras estruturas atribuíveis ao período pré-romano.

Por desconhecermos qual o tipo de edifícios que ali se encontravam, bem como o seu desenvolvimento em planta, adoptámos a solução de só retirarmos a camada superior de terra arável, sem aprofundar abaixo do primeiro nível dos muros de pedra, de modo a obtermos nas futuras escavações informações mais precisas acerca do espaço global passível de conter estruturas da Idade do Ferro.

A oriente destas ruínas, numa cota ligeiramente mais baixa, descobriram-se outros vestígios do mesmo período, bem como do Calcolítico Final. Procedemos, assim, nesta área, à escavação integral, que se justificava pela escassez de terra ali existente sobre a camada rochosa e onde os estratos arqueológicos teimavam em manter-se relativamente intactos, apesar de sujeitos há séculos a sucessivas lavras do solo.

A lavoura tinha-se feito sentir até à rocha e só milagrosamente é que se preservaram testemunhos de alguns muros, mesmo assim com as pedras marcadas pelas relhas dos arados.

Já no ano transacto (1998) descobriram-se abundantes vestígios de fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro nos níveis de enterramento da necrópole romana do Alto Império, situada na margem oposta da ribeira que corre na vertente a sul.

ÁREA NORDESTE DA “IDADE DO FERRO”

A - QUADRADO 20/8

No recanto de um largo muro, de paredes direitas, protegido por uma grande pedra que terá caído da antiga parede, encontraram-se dois estratos, sendo o primeiro constituído por terras revolvidas pelo cultivo agrícola, onde abundavam fragmentos de recipientes cerâmicos de cozedura oxidante. A segunda camada que assentava num solo empedrado era constituída por terra humosa com alguns carvões e cerâmicas de pasta fina, de tons castanhos e cinzentos/negros. As duas camadas não tinham mais de vinte centímetros de altura e a sua preservação deveu-se à existência do muro que obrigava os arados a subirem naquele sítio.

Junto ao piso recolheu-se um fecho macho de cinturão de bronze, do tipo tartéssico, de três ganchos, constituído pelo talão rectangular ligado a uma placa poligonal; entre eles dois olhais fechados por pequenos aros limitados por rodela.

Apresenta –e aqui seguimos a descrição de José Carlos Caetano (em artigo a publicar na *Conimbriga*)– “decoreção constituída por duas linhas de pontos impressos, rodeando o perímetro da placa e uma linha de pontos nos círculos que limitam os olhais. No talão, duas linhas de pontos impressos e uma de círculos separam as perfurações do resto do fecho. No centro da placa poligonal há um círculo definido por círculos mais pequenos impressos e preenchido com pontos, também impressos”. O mesmo autor considera-o do tipo Cerdeño DIII3, cuja cronologia se situa entre os finais do séc. VI e o séc. V a. C.

B - FOSSA NORTE, QUADRADOS 20/10-11

Em 1996 iniciou-se a escavação de uma fossa de contornos irregulares, subcomprida, aberta no substrato rochoso de calcário amarelo, durante o período da Idade do Ferro.

Fez-se uma primeira sondagem do lado norte, que revelou uma depressão no terreno, delimitada por um muro no lado poente e por outro na metade sul do lado nascente. Ambos os muros arrancavam do fundo da depressão. O conjunto integraria, decerto, uma estrutura maior, que, infelizmente, ora nos é impossível reconstituir dada a ausência de outros vestígios.

Aí foi-nos possível definir cinco estratos, todos eles exclusivamente com materiais da Idade do Ferro, à excepção do primeiro, constituído pelo solo de lavoura, onde apareceram vestígios de algumas cerâmicas do período “campaniforme” e romanas e do último, junto à rocha, donde se exumou uma lâmina de sílex:

Estrato 1 – Neste nível o elemento mais significativo é a peça fêmea de um fecho de cinturão, constituída por um arame de bronze de secção cilíndrica, serpentiforme, formando um enganche. José Carlos Caetano (cuja colaboração agradecemos) considera-a do tipo Cerdeño EI e atribuível à mesma época do fecho exumado em **A** (quadrado 20/8).

Estrato 2 – Camada de enchimento com fragmentos de cerâmica cinzenta fina e castanha espatulada de pior acabamento que a das camadas mais profundas. Alguma cerâmica comum levantada a torno e manual, de cozedura oxidante e redutora.

Estrato 3 – Camada de derrube de terra castanha, com blocos de calcário na zona central. Aí se recolheu um paralelepípedo de mármore tosco. Aumentam, em relação aos

estratos inferiores, as cerâmicas comuns vermelhas com abundantes elementos não plásticos e as de fabrico manual. As cerâmicas cinzentas finas e castanhas espatuladas mantêm as formas dos níveis inferiores, se bem que de pior qualidade. As formas abertas das cerâmicas finas castanhas só apresentam, normalmente, brunimento no seu interior. As ânforas têm pequeno bordo espessado, idênticas às dos estratos inferiores, tendo uma delas o bordo semelhante ao de uma outra recolhida em Monastil (Elda, Espanha), da forma Ibérica I-4, datável do século III a.C. (RIBERA, 1982, fig. 10-5, p. 105).

Estrato 4 – Camada negra com abundantes cinzas, alguns ossos e restos malacológicos. As cerâmicas deste nível pouco diferem das do inferior, notando-se, no entanto, uma menor qualidade no fabrico das cerâmicas finas cinzentas e castanhas. Aumenta o número de recipientes fabricados à mão. Nesta camada apareceu, durante a sondagem, do lado norte, o punho de um espeto do tipo Guadalquivir, com decoração a punção. É idêntico a outros três que se recolheram no Cadaval, e que se encontram datados da Idade do Ferro (*De Ulisses a Viriato*, 1996, vitrine 15, p. 245, peças 20-22), bem como a um outro descoberto em Fernão Vaz, que Caetano Beirão data do mesmo período (BEIRÃO, 1986, p. 114).

Estrato 5 – Camada de terra amarelada, do tipo ‘tufo’, muito pulveréa. Continha essencialmente fragmentos de grandes recipientes, potes e ânforas, de pastas vermelhas, feitos a torno rápido, cobertos com engobe branco integral ou parcial. Alguns dos fragmentos de grandes recipientes eram de cerâmica manual. Os três fragmentos de lábios de ânforas aí recolhidos são de altura baixa. Aparentam-se com as ânforas de tipo ibérico I-1 (RIBERA, 1982, pp. 100-104). A asa em fita com espessamento lateral também é habitual nalguns exemplares desta forma bem como o fragmento do fundo largo, com base reentrante. Ribera data esta forma dos meados do século VI a. C. aos meados do IV a.C. As cerâmicas de pastas finas apresentam cor cinzenta, cinzenta-negra e castanha, são feitas a torno rápido e detêm acabamento brilhante por espatulamento, de excelente qualidade. São típicas de toda a Idade do Ferro do Sul da Península, notando-se, no caso de Freiria, que existe um melhor acabamento nas peças recolhidas neste estrato. Encontramos paralelos para este tipo de cerâmicas no castelo

de Alcácer do Sal, estando datado do século VII a.C. o início do fabrico das de pastas cinzentas (tipo A, de Alcácer do Sal), e o século V a.C. para as de pasta cinzenta-negra (tipo B, de Alcácer do Sal), segundo Carlos Tavares da Silva *et alii* (1980-81, pp. 178-181).

TERMAS SUL

C - QUADRADO MZ'

Durante a escavação de MZ', no lado SE das Termas Sul, foi encontrada uma bolsa de terra com diversos fragmentos de cerâmica dos finais da II Idade do Ferro -fins da República romana.

Estrato 1 – solo arável, sem quaisquer materiais proto-históricos.

Estrato 2 – Abunda a cerâmica comum feita manualmente e ao torno, rareando a cerâmica fina cinzenta.

Estrato 3 – Recolheram-se três cossoiros; dois fragmentos de ânforas ibéricas do tipo I-6 e três do tipo I-8, datáveis do século III a.C. ao I a.C. (RIBERA, 1982, pp. 106 e 107); não contabilizamos as asas de secção circular e em fita, por não podermos definir a forma a que pertencem. Recolheram-se ainda 20 fragmentos de vasos de cerâmica pintada, sendo a maioria de bandas e um com círculos, de que encontramos paralelos em Miróbriga, com datações entre o século II a.C. e os inícios do seguinte (SOARES e SILVA, 1979, pp. 168-170). As cerâmicas de cor castanha e cinzentas finas continuam a perdurar neste estrato, só que em percentagens muito baixas. Significativa é a produção de cerâmica cinzenta fina e dura, levantada ao torno, de produção indígena. Cinco fragmentos apresentam decorações brunidas, idênticas às descobertas em Conímbriga, nos estratos pré-romanos. Jorge de Alarcão atribui a produção deste tipo de cerâmica aos séculos II-I a.C., podendo nalguns casos chegar ao século I d.C. (ALARCÃO, 1974, p. 62). Cerâmicas do mesmo tipo foram descobertas no Sítio do Castelo (Arranhó, Arruda dos Vinhos) que João Ludgero data do mesmo período (GONÇALVES, 1997, p. 10). Recolheu-se também um fragmento de ânfora romana, de pasta clara, arenosa e micácea, idêntico a outros de Lomba do Canho, ânfora que Carlos Fabião classifica como de Classe 67 (FABIÃO, 1989, p. 65), datando-a da segunda metade do século I a.C. Nas escavações do castelo de Alcácer do Sal, foi igualmente encontrado outro

exemplar, a que, embora fora de contexto, os seus autores atribuem uma datação tardo-republicana (SILVA *et alii*, 1980-81, p. 195, nº 277).

Estrato 4 – Recolheram-se dois fragmentos de ânforas ibéricas do tipo I-8; dois fragmentos de potes com bandas brancas e vermelhas pintadas e alguma cerâmica cinzenta fina brunida.

NECRÓPOLE (D)

O constante aparecimento de fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro na zona da necrópole romana do Alto Império, na margem direita da ribeira de Freiria, num terreno inclinado, provocou, de início, uma certa estranheza, visto que não se detectara qualquer tipo de estrutura com que esses materiais pudessem estar associados.

Nota-se, porém, naquela área, que é diminuta a camada arqueológica onde estão inseridas as sepulturas romanas e os materiais da Idade do Ferro, enquanto a camada superior àquela chega a ter um metro de altura.

Junto à ribeira, no local onde esta faz uma curva e desagua um afluente que provém de norte (E), ao longo do vale que nasce na Conceição da Abóboda, construíram os Romanos um muro para regularizar o leito da ribeira, de modo a que esta não invadisse a necrópole. No topo desse muro, que se encontrava ao nível das sepulturas, recolhemos cerâmicas dos séculos XVII e XVIII. Um pouco mais a sul, a um nível ligeiramente superior, no estrato (de cerca de 80cm) que cobria um outro grupo de sepulturas romanas (G), havia cerâmicas modernas, dos citados séculos.

A SE desta zona existe uma área (F) onde a camada arqueológica é espessa e tem abundantes carvões, fragmentos de ossos queimados, pregos de ferro, fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro e romanas. No meio deste estrato foram descobertas algumas sepulturas. Trata-se, sem dúvida, do *ustrinum* colectivo que, após o abandono, acabou também por servir para enterramentos individuais durante a época romana. Também ali o estrato superior é de grande espessura (mais de um metro).

Tudo nos leva, portanto, a concluir que a necrópole romana se poderá ter sobreposto à necrópole da Idade do Ferro e que, devido aos efeitos da escorrência das águas da encosta do Outeiro de Polima e ao transbordar das margens da ribeira de

Freiria, durante os períodos de maior pluviosidade, as sepulturas mais arcaicas acabaram por ser destruídas.

Para obviar a este problema, os Romanos sentiram, então, a necessidade de regularizar o leito da ribeira, para não invadir o seu campo santo, acabando por construir o referido muro de suporte.

O achamento de cerâmica dos séculos XVII e XVIII nos níveis contíguos aos romanos, seguidos, por seu turno, de um segundo nível moderno mais espesso (onde se pratica actualmente a agricultura), demonstra que os terrenos da margem direita da ribeira estiveram por cultivar até meados da Idade Moderna, devido, certamente, ao acentuado pendor que ainda hoje detêm. E, por seu turno, a agricultura dos séculos XVII e XVIII acabaria por desflorestar e aumentar rapidamente a erosão do solo: por acção das águas pluviais, as terras concentraram-se no fundo do vale. Um outro muro de suporte –construído para se obter um maior nivelamento do solo e a formação de um socalco que impedisse as águas de inundarem as culturas– obrigou a ribeira a manter-se no leito actual, situado sensivelmente metro e meio mais abaixo. É tal circunstância que permitiu a preservação, até aos nossos dias, da necrópole romana que viemos a encontrar.

OBJECTOS ISOLADOS

Existe um grupo significativo de objectos da Idade do Ferro recolhidos fora de contexto que, pelas suas características, mereceriam ser citados neste trabalho. Contudo, para o não alongarmos mais e porque carecem de mais adequado enquadramento, limitar-nos-emos a referir a descoberta, em 1987, de uma rude escultura zoomórfica, de calcário local, no muro de suporte de terras que se encontrava sobreposto ao «compartimento da ara» (H), nas Termas Sul.

A peça sempre nos colocou não apenas problemas de datação, visto que foi encontrada fora de contexto, como também de identificação do animal representado e do seu possível contexto original.

Inicialmente, atribuímo-la ao período romano. Considerámo-la uma carranca, representando um felino ou canino de dentes arreganhados, destinada, muito provavelmente, a encimar um dos pilares do portão da *villa*, dada inclusive a sua vaga

semelhança com o conhecido mosaico do *Cave Canem* da Casa do Fauno, em Pompeios. No entanto, quando nos visitou, em plena escavação, o então director do Museu de Badajoz, Dr. Guillermo S. Kurtz, sugeriu-nos logo que poderíamos, ao invés, estar em presença de um trabalho mais antigo, inclusive ibérico, datável da II Idade do Ferro.

Em 1996, ao observar com mais atenção a peça, nomeadamente a sua parte inferior, Guilherme Cardoso apercebeu-se de que o animal deveria ser visto na globalidade e detinha, indiscutivelmente, uma forma fálica, em tudo semelhante à de outros amuletos frequentes tanto na época romana como em épocas anteriores. Daí se ter continuado a pensar na hipótese de a escultura figurar à entrada da *villa* com evidente intenção apotropaica, contra o mau olhado, como era habitual. E foi nessa base que a apresentámos na exposição *Cascais Romano* (Novembro de 1997).

Recentemente, porém, após uma análise mais aturada da configuração da peça e tendo-a comparado com outras existentes no Sul da Espanha, fomos levados a repensar o contexto original em que o protomo terá sido integrado, sobretudo tendo em conta também a primeira opinião expendida por Guillermo Kurtz. Na verdade, as figuras de leões e de leas aparecem amiúde na decoração de túmulos ibéricos na Idade do Ferro. Ora, se tivermos em conta o que atrás se disse acerca da possibilidade de a necrópole romana se haver instalado sobre a necrópole “sidérica”, não nos repugna que daí possa ter provindo esta escultura, que os Romanos ou, mais provavelmente, os povos que lhes sucederam não hesitaram em utilizá-la como material de construção, certamente por desconhecerem o seu exacto significado ou, até, por a não terem reconhecido como peça escultórica.

Aliás, a referida circunstância não é singular, porquanto Vaquerizo, no seu trabalho sobre esculturas ibéricas de leões (1997, p. 19), começa precisamente por afirmar que “hasta la fecha, prácticamente la totalidad de leones documentados en el marco de las diversas manifestaciones arqueológicas atribuibles a la cultura ibérica, cuentan con el importante inconveniente de haber sido hallados fuera de contexto arqueológico”.

CONCLUSÕES

Em síntese, está suficientemente documentado que, em Freiria, os Romanos vieram instalar-se num local já anteriormente ocupado, durante milénios, pelas populações que os antecederam.

Preferindo muito embora a encosta soalheira e mais abrigada, deixaram, por isso, quase intactos os vestígios das ocupações anteriores (ainda descortinamos eventuais trechos de muralha, que serão objecto de futuras escavações).

Mau grado o facto de a agricultura intensa que aí se desenvolveu ao longo dos tempos ter destruído as estruturas naturalmente existentes, a identificação das “bolsas” atrás referidas possibilitou-nos algumas conclusões:

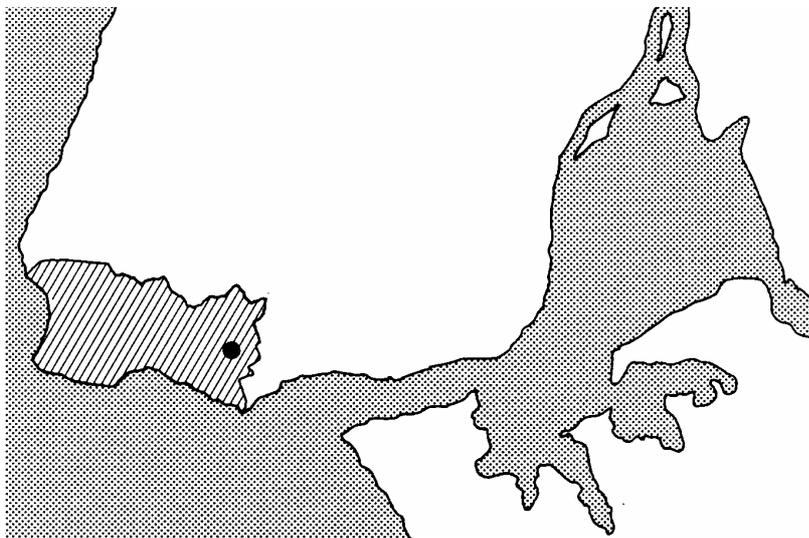
- é visível a predominância, num primeiro período, de cerâmicas finas, de cor cinzenta escura e castanha, associadas ao fecho de cinturão, datáveis de finais do século VI;
- são nítidas, por outro lado, designadamente no material anfórico, as influências culturais e económicas da área ibérica mediterrânica, muito provavelmente através dos povos instalados em Alcácer do Sal;
- regista-se, porém, um aumento gradual da presença de cerâmica indígena levantada à mão, o que demonstrará, sem dúvida, que os materiais importados cedo escassearam e a população local começou a fabricar ela própria aquilo de que necessitava para o seu quotidiano;
- no final da Idade do Ferro, parece, por outro lado, ter-se registado, ao nível do material cerâmico, uma influência alheia, quiçá de povos do interior ou do Norte, portadores de cerâmica cinzenta brunida, cuja representação é –se nos ativermos aos dados de que por enquanto dispomos– demasiadamente escassa para ter havido uma produção local ou uma importação em larga escala;
- finalmente, cumpre-nos salientar a excelente qualidade das peças exumadas, a demonstrar que estamos perante uma população que está, efectivamente, em contacto com os melhores centros produtores de determinados objectos, mormente no que concerne aos objectos de adorno (fecho de cinturão, fíbulas, contas de colar...).



Est. I



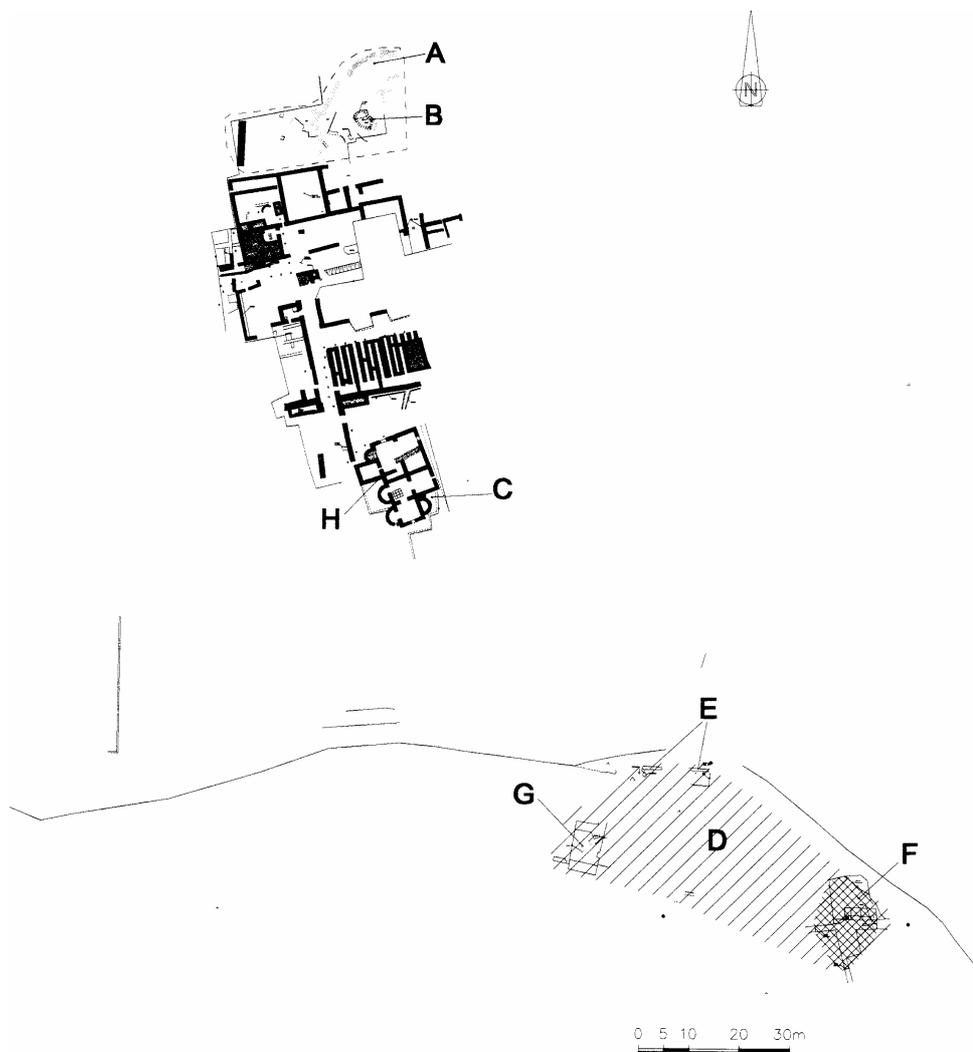
Mapa 1 – Localização da Villa de Freiria na Península Ibérica



Mapa 2 – Localização da Villa de Freiria no Concelho de Cascais.

Est. II

Villa Romana de Freiria



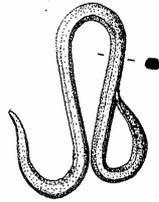
Freiria

Legenda: A-Quadrado 20/8; B-fossa; C-quadrado MZ'; D-necrópole; E-muro romano de suporte;
F-ustrinum; G-núcleos de sepulturas; H-"compartimento da ara".

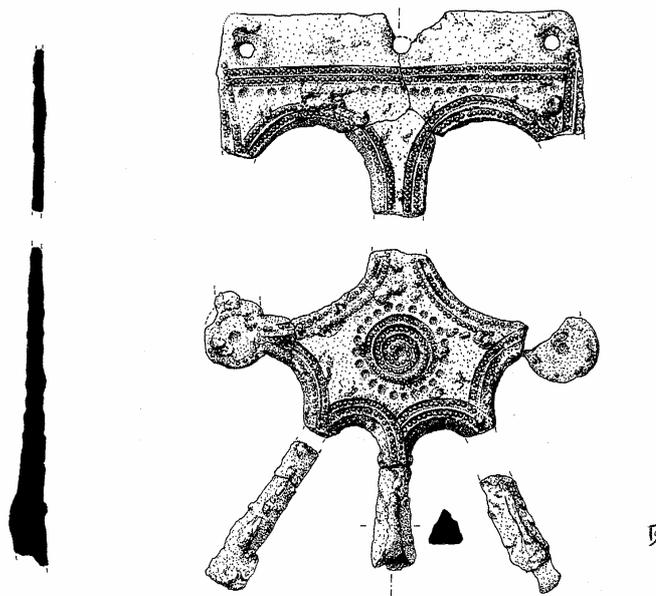
Levantamento topográfico de António Oliveira.



Est. III



A



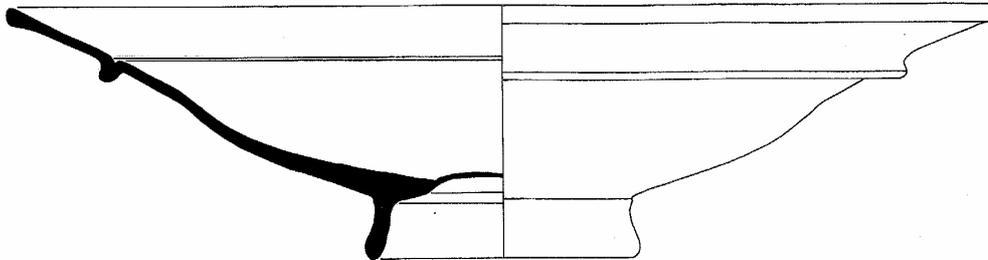
B

A: Peça fêmea de um fecho de cinturão, de bronze;
B: Fecho de cinturão.

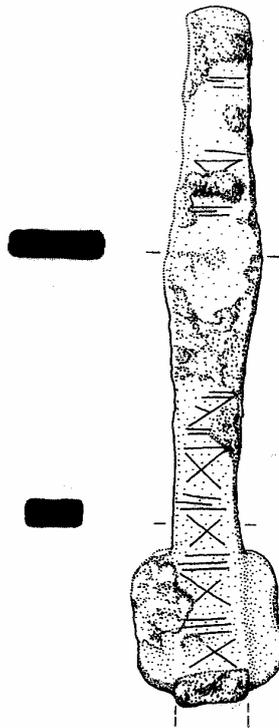
Desenhos de Severino Rodrigues



Est. IV



Prato de cerâmica cinzenta fina.
Desenho de Severino Rodrigues



Punho de espeto.

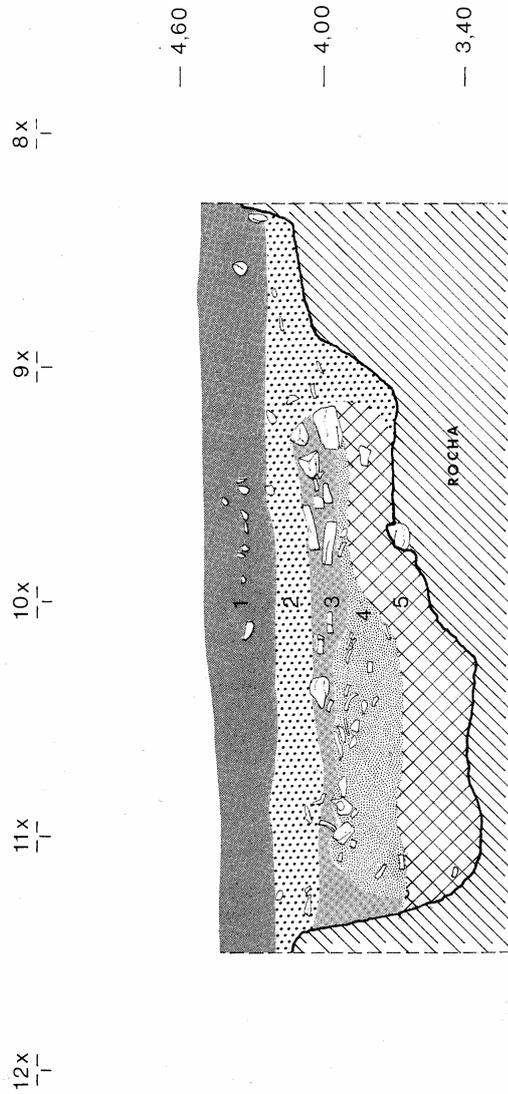
Desenho de Severino Rodrigues
Escala: 1:1

Est. V



casadesarmento

centro de estudos do património



Estratigrafia da fossa (quadrado 20/10).
Desenho de Pedro Fialho

Est. VI



Enquadramento da fossa (vista de N →S)



Fossa em fase de escavação

Est. VII



Vista direita do Protomo. Comprimento 52cm; altura máxima 25cm



Vista esquerda do Protomo



Est. VIII



Protomo: vista inferior



Protomo: vista superior



Est. IX



Protomo: vista lateral direita.



Protomo: vista a $\frac{3}{4}$ esquerda.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge, 1974, «Cerâmica comum local e regional de Conimbriga», *Biblos*, 8, Coimbra.
- BEIRÃO, Caetano de Mello, 1986, *Une civilisation protohistorique du Sud du Portugal*, De Boccard, Paris.
- CARDOSO, Guilherme, 1991, *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*, Cascais.
- CARDOSO, João Luís, e CARDOSO, Guilherme, 1993, «Carta arqueológica do concelho de Oeiras», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 4, Oeiras.
- Los Celtas en la Peninsula Iberica*, 1991. Número especial, monográfico, da *Revista de Arqueologia*, Madrid.
- De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a. C.*, 1996. Catálogo da exposição, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- FABIÃO, Carlos, 1989, «Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)», *Cadernos da Uniarq*, Lisboa.
- GONÇALVES, João Ludgero Marques, 1997, «O sítio arqueológico do Castelo (Arruda dos Vinhos) – Escavações de 1988 a 1993», *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, nº 3, Lisboa, pp. 5-52.
- GRAN-AYMERICH, Jean, 1991, «Malaga phénicienne et punique. Recherches franco-espagnoles 1981-1988», *Recherche sur les Civilisations*, Paris.
- Lisboa Subterrânea*, 1994. Catálogo da Exposição, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- MARQUES, Gustavo, 1982-1983, «Aspectos da proto-história do território português. II – Povoado de Santa Eufémia (Sintra)», *Sintria*, I-II (tomo 1), Sintra, pp. 55-88.
- RIBERA LACOMBA, Albert, 1982, *Las anforas preromanas valencianas (fenicias, ibericas y punicas)*, Servicio de Investigación Prehistorica, Diputación Provincial de Valencia, Serie de Trabajos Varios, núm. 73, Valência.

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina, BEIRÃO, Caetano de Mello, DIAS, Luísa Ferrer, e COELHO-SOARES, Antónia, 1980-81, «Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979)», *Setúbal Arqueológica*, vol. VI-VII, Setúbal, pp. 149-218.

SOARES, Joaquina, e SILVA, Carlos Tavares da, 1979, «Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém)», *Setúbal Arqueológica*, vol. V, Setúbal, pp. 159-184.

VAQUERIZO GIL, Desiderio, 1997, «El león símbolo del poder», *Revista de Arqueologia*, nº 197, Madrid, pp. 18-27.